

EQUOTERAPIA E SUAS REPERCUSSÕES NA INTERAÇÃO SOCIAL NA PERCEPÇÃO DE PAIS DE CRIANÇAS AUTISTAS

Priscila Correia da Silva Ferraz¹, Débora Emanuela Santos de Sousa¹, Dilma N. Pontes¹, Fabiane Lima Sousa¹, Heide Alves Silva¹ e Reinaldo Pereira Silva¹

RESUMO - O objetivo do estudo é identificar a percepção dos pais sobre a interação social de crianças autistas assistidas em um centro de equoterapia localizado na cidade de Salvador - Bahia. Essa pesquisa trata-se de um estudo de campo, exploratório, com abordagem quali-quantitativa. Tem como instrumento de coleta, uma entrevista semiestruturada. Os principais resultados foram a compreensão do autismo pelos pais entrevistados, afirmação dos pais em não ter dificuldade na comunicação com seu filho, a totalidade no percentual das pessoas não entenderem o que seu filho deseja comunicar e a necessidade dos pais de obter mais informações sobre como se comunicar com seus filhos. Conclui-se que apesar de haver particularidades de grau de dificuldades de cada criança, os pais inquiridos demonstraram possuir uma visão positiva sobre o uso do cavalo na sociabilidade dos seus filhos.

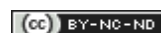
Palavras-chave: Autismo. Interação Social. Equoterapia.

ABSTRACT - The objective of the study is to identify the perception of parents about the social inter-action of autistic children assisted in a hippo-therapy center located in the city of Salvador, Bahia. This study it is a field of study, ex-ploratory, quantitative with qualitative ap-proach. Its collection instrument, a semi -structuredinterview. The main results were the under-standing of autism by interviewed parents, parents claim to have no difficulty in com-municating with your child, all in the percent-age of people do not understand what your child wants to communicate and the need for parents to get more information about com-municate with their children. It concludes that although there is degree of difficulty of each child's characteristics, the parents surveyed were found to have a positive view on the use of the horse in the sociability of their children.

Key words: Autism. Social interac-tion. Hippotherapy.



Revista
Ciência e Conhecimento
Volume 11 – Nº 1 – 2017.



1 - Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC. Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail para contato:
Priscila Correia da Silva Ferraz
pris_correia@hotmail.com

Recebido em: 10/07/2016.
Revisado em: 28/09/2016.
Aceito em: 25/11/2016.

Área:
Atenção à saúde e bem-estar.

INTRODUÇÃO

O termo “autista” deriva da palavra grega *autos*, que significa o próprio indivíduo. Em 1911, utilizado primeiramente pelo psiquiatra Eugen Bleuler, referindo a um transtorno caracterizado pelo distanciamento da criança de sua relação com as pessoas e com o mundo exterior (RODRIGUES, 2008).

Segundo a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), a etiologia é desconhecida (MELLO, 2007). Em 2009, o pesquisador Eric Fombonne publicou uma revisão de 43 estudos concluindo-se que a incidência é de um para cada 150 casos.

Hoje, o conceito de "autismo infantil" se estendeu a uma patologia mais ampla, podendo-se encontrar "estados ou formas autistas" associados a outras patologias, como a epilepsia, paralisias cerebrais e síndromes genéticas, dentre outras, tornando o diagnóstico difícil e despercebido sendo confundido com outros quadros patológicos (LIMA, 2008).

A falta de conhecimento suficiente ao autismo, pela medicina e outros setores de saúde, atrasa o diagnóstico adequado, geralmente sendo percebidos primeiramente por pais quando se dão conta que as crianças não estão se desenvolvendo normalmente em seu convívio cotidiano e grupal (BRASIL, 2000). O diagnóstico, antes dos três anos é necessário, pois dá mais possibilidade de interferir na estrutura modular do cérebro da criança, pois se for feito tardiamente a criança pode não aprender a falar ou demonstrar mais dificuldades para ter autonomia (LIMA, 2008).

Associação dos Amigos Autistas (AMA, 2007), diz que a criança autista apresenta dificuldade de comunicação, mas utiliza alguns aspectos da comunicação verbal e não verbal. Isto inclui gestos, expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal, dificuldade no uso da imaginação caracterizada por rigidez e inflexibilidade e se estende às várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança, exemplificado por comportamentos obsessivos e ritualísticos, compreensão literal da linguagem, falta de aceitação das mudanças e dificuldades em processos criativos. Dificuldade de sociabilização é o ponto crucial do autismo e o mais fácil de gerar falsas interpretações (MELLO, 2007).

Atualmente, o tratamento do autismo tem como objetivo estimular e fazer com que a criança interaja com o ambiente e as pessoas. Frequentemente usa-se a musicoterapia, a terapia da fala, a natação, o contato com animais, o apoio em casa e com especialistas entre outras abordagens (DAVIS e CARTER, 2008).

Entre eles, destaca-se a Equoterapia, método terapêutico, que faz uso do cavalo em uma abordagem multidisciplinar, englobando áreas da saúde, educação e equitação, objetivando o desenvolvimento biopsicossocial de seus praticantes. O cavalo é empregado como agente

promotor de ganhos tanto a nível físico, quanto psíquico (ANDEBRASIL, 2010). Pois se acredita que criará uma socialização primária entre a criança e o cavalo, de modo a favorecer encorajamento do terapeuta à criança nas relações nascidas do conjunto cavalo/criança, estimulada pelo contato do indivíduo com outros pacientes, com a equipe e com o animal, aproximando-o desta maneira, cada vez mais da sociedade na qual convive (GRUBTIS FREIRE e GAVARINI, 1999).

Porém, não ficou evidente nos estudos até o momento publicados abordagem da interação social sob o ponto de vista da percepção dos pais envolvendo a equoterapia. Levando em questão que os pais que estão em convívio mais constante, entendemos que traçar determinado perfil permite pensar que a percepção é algo que interfere no processo comunicativo, social e sua atitude possibilita a constatar possibilidades positivas através do uso do cavalo no desempenho nas relações sociais.

Partindo desse pressuposto, acredita-se que os dados desta pesquisa possam impactar a fomentação e apoio ao desenvolvimento de centros de Equoterapia, fornecendo subsídios essenciais para o bom funcionamento e até criação de outros centros. Bem como incentivar novas pesquisas e embasamento teórico para a equoterapia.

Este estudo teve como objetivo identificar a percepção dos pais em relação à interação social de crianças com diagnóstico de autismo, atendidas em um centro de equoterapia localizada na cidade de Salvador/BA.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo transversal de caráter exploratório, com abordagem quali-quantitativo. O presente estudo teve como campo de pesquisa a Associação Bahiana de Equoterapia (ABAE), que possui convênio com a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento de Salvador, junto ao Governo Federal, onde os cavalos são cedidos pelo Esquadrão da Polícia Montada. A instituição recebe crianças a partir de dois anos, adolescentes e adultos portadores de deficiências neurológicas onde assiste atualmente 131 pessoas diariamente, e oferece trabalho de inserção no ensino regular, atividade e prática de Equoterapia, orientação pedagógica e atividade recreativa.

Foram incluídos nessa pesquisa pais de crianças com diagnóstico de autismo, de ambos os gêneros, com faixa etária entre três e 11 anos, e que estivessem submetidas ao tratamento de equoterapia por no mínimo por seis meses a partir da data inicial da coleta. Foram excluídas da pesquisa crianças que não se enquadravam nos critérios de inclusão supracitados, que os pais

não aceitaram a participação na pesquisa ou não assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

A coleta foi realizada através de uma entrevista cujo instrumento utilizado tratou-se de um questionário elaborado por Balestro e Fernandes (2012) com 24 questões. Foi utilizada uma escala de Likert para estruturação das respostas permitindo especificar o nível de concordância ou discordância com relação às assertivas que variou de concordo completamente a discordo completamente.

Além das 24 questões, foram construídas perguntas relacionadas à caracterização dos entrevistados e outras três questões subjetivas cujos pais puderam relatar algo relevante que não tivessem sido contemplados nas afirmações do questionário, como informações gerais do autismo, bem como a perspectiva dos pais em relação à criança (HARZHEIN, 2006).

Foi realizado estudo piloto para calibração do questionário durante mês de novembro de 2015 para testar o quão compreensível às questões eram, e eventualmente modificar qualquer termo que pudesse ser de difícil compreensão. A coleta de dados ocorreu com 11 pais, na própria ABAE nos meses de fevereiro e março de 2016.

Nas entrevistas, foram utilizados gravadores digitais com o intuito de registrar na íntegra todas as falas dos entrevistados. Destaca-se ainda que essas entrevistas foram transcritas para fins de análise.

Na análise dos dados quantitativos, o conjunto de itens apresentados em forma de afirmações foram medidas pela escala de concordância e discordância condicionada a um valor numérico, organizados em quatro domínios entendidos como vertentes nas diversas situações de relacionamento, sendo domínio (1): a impressão dos pais sobre eles próprios em relação à criança; domínio (2): a percepção dos pais em relação a aceitação das pessoas para com as crianças, domínio (3): a atitude dos pais com a criança e domínio (4): a impressão dos pais em relação aos seus filhos.

Na análise dos dados qualitativos, foi construída uma matriz com o propósito de organizar os trechos das entrevistas de cada pai responsável de forma a ser realizada uma análise vertical e horizontal para encontro dos pontos de concordância e discordância das falas. Na análise dessa matriz foi realizada a técnica de análise de conteúdo, respeitando as seguintes fases propostas por Minayo (2000): pré-análise, exploração, categorização e interpretação.

A análise desse estudo se deu através de uma análise descritiva das características sociodemográficas de pais de crianças autistas e de cuidados a saúde dessas mesmas crianças. Foram calculadas frequências absolutas e relativas das variáveis categóricas e média, valores mínimos e máximos das variáveis contínuas.

Através de quatro domínios foram descritas as frequências absolutas e relativas de cada afirmativa por domínio, sendo agrupadas as seguintes categorias: concordo plenamente e concordo, em: concordo; discordo e discordo plenamente, em: discordo. Calculou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman entre a idade da criança durante a percepção dos primeiros sinais e sintomas do autismo (meses), tempo de tratamento com a equoterapia (meses) e o total de quatro domínios com nível de 5% de significância estatística.

Foi calculada a frequência em percentual da compreensão ou não do conceito e mecanismo do autismo pelos pais das crianças estudadas. A análise foi feita no Software Stata (versão 12) e as tabelas foram construídas no Excel for Windows 2013 para demonstração dos resultados.

Os dados qualitativos das entrevistas buscaram-se aproximar dos domínios (1º e 3º) na perspectiva de relacionar as frequências de concordância e discordância entre esses domínios e as falas.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em pesquisa do Monte Tabor- Hospital São Rafael, para avaliação, respeitando as proposições da resolução 466/2012, sendo aprovado sobre o protocolo nº 1.389.056. Todos os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido garantindo a confidencialidade e preservação das informações.

RESULTADOS

Em relação às características sociodemográficas dos pais, este estudo contou com 11 entrevistados cuja relação de parentesco foi materna e paterna com (81,8 %) e (18,2%) respectivamente, com a média de idade de 38,8 anos (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição das características sociodemográficas dos pais e do tratamento com equoterapia a crianças autistas. Salvador, Bahia, 2016.

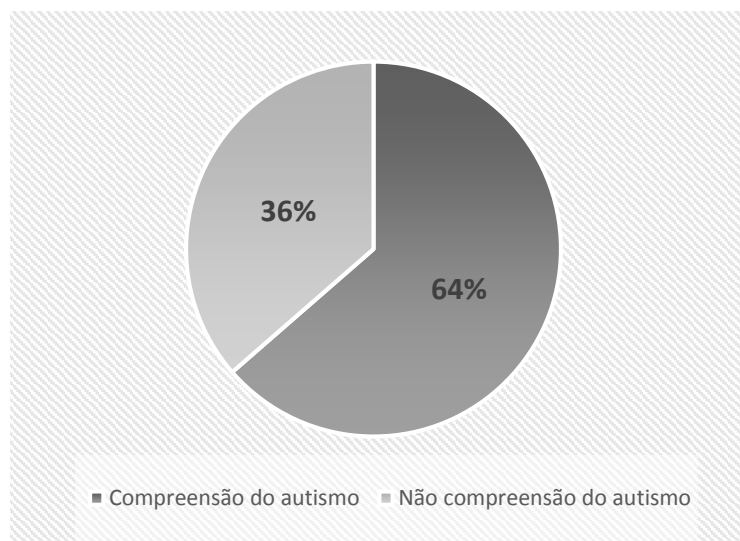
Variáveis	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Gênero	Masculino	2 18,2
	Feminino	9 81,8
Escolaridade	Ensino Fundamental	1 9,1
	Ensino Médio	4 36,4
	Ensino Superior	6 54,5
Posição de parentesco com a criança	Pai	2 18,2
	Mãe	9 81,8
Idade dos Pais(anos)	Média	38,8
	Mínimo	31
	Máximo	51
Tempo de convivência com a criança (diário)	Integral	9 81,8
	Parcialmente	2 18,2
Idade da criança da percepção inicial dos sinais e sintomas do autismo (meses)	Média	24,5
	Mínimo	3
	Máximo	72
Tempo de tratamento (meses)	Média	19,4
	Mínimo	6
	Máximo	35

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

Dos entrevistados, 81,8 % tinham uma convivência integral com a criança, sendo essa prevalência na posição de parentesco materno. Quanto a percepção dos pais a idade da criança em relação aos primeiros sinais e sintomas foi em média 24,5 meses. Verificado que o tempo de tratamento da equoterapia de todas as crianças do estudo correspondeu uma média de 19,4 meses (Tabela 1).

Ao nível de entendimento sobre o autismo, 36% da amostra demonstraram a não compreensão, enquanto 64% demonstraram o entendimento do autismo, mediante ao que a literatura descreve sobre o conceito (Gráfico1).

Gráfico 1. Compreensão sobre conceito de autismo. Salvador, Bahia, 2016.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

A tabela 2, apresenta os quatros domínios que sintetizam as percepções dos pais sobre interação social dos seus filhos assistidos à Equoterapia, onde no domínio 1 corresponde as percepções dos pais sobre sua interação com seus filhos (D1); domínio 2 a percepção dos pais à aceitação e atitudes das outras pessoas para com seus filhos (D2); domínio 3 a atitude dos pais com seus filhos (D3); domínio 4 a impressão dos pais a respeito de seus filhos (D4).

Tabela 2. Distribuição da frequência da relação da equoterapia na interação social de crianças autistas por quatro domínios. Salvador, Bahia, 2016.

Variáveis por domínio	N	Concordo (%)	N	Discordo (%)
1º Domínio				
Questão 2. Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu filho.	3	27,3	8	72,7
Questão 4. Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu filho quando estamos somente nós dois.	1	9,1	10	90,9
Questão 6. Eu tenho dificuldade em me comunicar com meu filho quando tem outras pessoas no mesmo ambiente.	6	54,5	5	45,5
Questão 8. Eu tenho dificuldade em brincar com meu filho.	3	27,3	8	72,7
Questão 10. Eu tenho dificuldade em entender o que meu filho quer.	1	9,1	10	90,9
Questão 12. Eu tenho dificuldade em entender o que meu filho sente.	6	54,5	5	45,5
Questão 14. Eu não sei como agir quando meu filho não me entende ou quando eu não o entendo.	6	54,5	5	45,5
Questão 16. Eu não me sinto à vontade em lugares públicos com meu filho.	4	36,4	7	63,6
Questão 18. Eu me preocupo com o futuro do meu filho.	11	100,0	0	0,0
Questão 20. Eu fico chateado quando percebo que meu filho não inicia a comunicação.	4	36,4	7	63,6
Questão 22. Eu fico incomodada com a apatia/ agitação do meu filho.	8	72,7	3	27,3
Questão 24. Eu gostaria de ter mais informações sobre como me comunicar com meu filho.	11	100,0	0	0,0
2º Domínio				
Questão 3. Eu tenho a impressão de que as pessoas não entendem o que meu filho deseja comunicar.	11	100,0	0	0,0
Questão 9. Eu tenho a impressão de que as pessoas zombam do meu filho quando ele deseja comunicar algo.	5	45,4	6	54,6
Questão 15. Eu tenho a impressão de que as pessoas evitam meu filho.	6	54,6	5	45,4
Questão 21. Eu percebo que os outros estranham meu filho.	8	72,7	3	27,3
3º Domínio				
Questão 1. Eu não sei como agir com alguns comportamentos do meu filho.	7	63,6	4	36,4
Questão 7. Eu pego todos os objetos que meu filho aponta.	4	36,4	7	63,6
Questão 13. Eu sempre converso com meu filho, mesmo que ele não converse comigo.	11	100,0	0	0,0
Questão 19. Eu não consigo ensinar coisas novas para meu filho.	3	27,3	8	72,7
4º Domínio				
Questão 5. Eu tenho a impressão de que meu filho não compreende o que eu digo	4	36,4	7	63,6
Questão 11. Eu tenho a impressão de que meu filho não compreende o que as outras pessoas dizem.	7	63,6	4	36,4
Questão 17. Eu percebo que meu filho fala/faz coisas que não têm a ver com o momento e/ou assunto.	7	63,6	4	36,4
Questão 23. Eu tenho a impressão de que meu filho tem poucos amigos.	10	90,9	1	9,1

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

No (D1), questões 2 e 4 (72,7% e 90,9%), discordaram em ter dificuldades em se comunicar com a criança, sendo que 54,5% (Questão 6) concordaram que ainda tem dificuldade de se comunicar com seu filho quando tem outras pessoas no mesmo ambiente.

Houve uma vontade unânime (Questão 24) dos pais em obter mais informações de como comunicar com seus filhos.

Destaca-se no domínio 2 que 72, 7% dos entrevistados perceberam que os outros ainda estranham seu filho (questão 21), e que 100% concordaram que as pessoas não entendem o que seu filho deseja comunicar (questão 3).

Sobressai a questão 7 (D3), dos 11 pais, 7 discordaram da ação de pegarem os objetos que seus filhos apontam e 8 dos entrevistados da questão 19 negam a assertiva de não conseguirem ensinar coisas novas para seu filho.

Na questão 11 do (D4), 63,6 % confirmaram que tem a impressão que seu filho não compreende o que outras pessoas dizem e que o mesmo tem poucos amigos como refere na questão 23, com 90,9% de concordância.

Na tabela 3, apresenta as correlações de Spearman da idade da criança na percepção inicial dos sinais e sintomas do autismo, do tempo de tratamento pela equoterapia e o total de quatro domínios. Nota-se que não houve significância estatística entre as correlações a 0,05 observa-se correlações positivas e fracas para a correlação (0,09, 0,04, 0,16, 0,23, 0,08) e correlações negativas e fracas (-0,11 -0,21, -0,16).

Tabela 3. Coeficiente de Correlação de Spearman (r) entre a idade de percepção dos primeiros sinais e sintomas do autismo em crianças (meses), tempo de tratamento pela equoterapia (meses) e o total de cada domínio em um Centro de Equoterapia.

Domínios	Idade da criança na percepção inicial dos sinais e sintomas do autismo (meses)		Tempo de tratamento (meses)	
	Correlação de Spearman	Valor de P*	Correlação de Spearman	Valor de P*
Total do domínio1	- 0,11	0,74	0,16	0,64
Total do domínio2	- 0,21	0,54	- 0,16	0,64
Total do domínio3	0,09	0,78	0,23	0,49
Total do domínio4	0,04	0,91	0,08	0,82

*p-valor: nível de significância de 5%. Fonte: Elaborado pelos autores, 2016. Salvador, Bahia.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os resultados revelaram a prevalência materna na relação de parentesco e convivência integral com a criança. Prevalência essa justificada por Power e Tunali (1993) nos seus estudos, pelo fato que o papel central de desempenho está relacionado ao fato de ser mãe enquanto no caso dos pais como provedor de suporte financeiro. E a demanda de cuidados que a criança necessita e a falta de outros cuidadores há dificuldades de mães em continuar sua carreira profissional.

Mesmo que esses autores relatem sobre a não continuidade da vida profissional, o presente estudo evidencia que a maioria dos entrevistados possuem ensino superior (54,5%),

assim como para Shu et al., (2000) concluiu que mães com mais anos de estudo puderam utilizar melhores recursos para procurar ajuda.

Os pais entrevistados perceberem os sinais e sintomas do autismo nas crianças em média de idade de 24,5 meses o que confirma com o Manual Diagnóstico para Transtornos Mentais - DSM IV (APA, 2013), que as primeiras manifestações devem surgir antes dos 36 meses de idade. Porém ressalva com base nos depoimentos dos pais, que foram apenas percepções de características que não condizia com o desenvolvimento normal do seu filho, não ainda relacionando com o autismo, bem como relatando sobre as hipóteses e múltiplas avaliações por parte dos profissionais até fechar o diagnóstico.

Baseando-se na definição da classificação internacional da doença (CID - 10) (2000) o autismo é um transtorno global do desenvolvimento caracterizado por um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e apresentando uma perturbação característica do funcionamento nas interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo.

Foi questionado aos entrevistados em relação à compreensão do autismo, onde ilustrado no gráfico 1. Dos pais que demonstraram a não compreensão sobre autismo, foi justificado, de acordo com os relatos dos mesmos, que foi devido à falta de acessibilidade a informações.

Dentre os pais que não possuíam boa compreensão destacam-se que três entrevistados não tinham entendimento qualquer sobre o tema e uma tinha entendimento deturpado. Como o entrevistado III atribuindo o autismo as questões genéticas herdadas da família paterna e nega o diagnóstico do filho se baseando do não uso contínuo de medicamentos como as demais patologias necessitam. Enxergando seu filho como uma criança hiperativa.

Embora seja uma pequena parcela, os pais que não apresenta compreensão, representa um entrave importante no cuidado e acompanhamento da criança, uma vez que, a falta de conhecimento sobre o transtorno pode acarretar no distanciamento de informações importantes que forneçam base para interpretar sinais e sintomas lhes atribuindo um significado de forma a complementar a reabilitação do seu filho, seja nas áreas intelectual-pedagógica, social ou motora.

Estudos realizados pelas autoras Semensato e Bosa (2014), questionaram a definição do autismo aos pais, inicialmente eles quase não falaram explicitamente sobre autismo, mas da dificuldade do filho. Também ressaltou que os pais relacionavam a etiologia do autismo á imunizações, predisposição genética ou exposição da mãe a fatores ambientais.

Em contraponto, a pesquisa de Ecker (2010) que investigou crenças culturalmente construídas sobre o autismo em famílias de alguns países asiáticos concluiu-se que, por exemplo, na Coreia do Sul, existe a ideia de que o autismo seja curável e possa ser resultado de uma punição por pecados antigos da família, negligência da mãe em relação à criança, ou “fantasmas maus”.

Referindo a tabela 2 (D1), dos resultados demonstrados foi percebido melhoras importantes na comunicação entre pais e filhos. Para Sams et al. (2006) a linguagem, seja ela verbal ou não verbal, é de extrema importância no que se refere à interação social, onde nos seus estudos foram investigados os possíveis benefícios da equoterapia objetivando a intervenção social entre crianças autistas, com e sem uso de animais. Os seus resultados apontaram que a inserção do contato animal melhorou a interação social e o uso da linguagem entre os participantes quando comparada ao uso de programas tradicionais de terapia sem o uso de animais.

Também foram apontados estudos que enfatizaram os notáveis efeitos da equoterapia no que se refere ao desenvolvimento social de crianças. Esta ideia é confirmada ainda por outros dois estudos citados no mesmo artigo, como sendo a presença de um animal o estímulo ao aumento da consciência social da criança (CRIPPA E FEIJÓ, 2014).

Em contraponto, quando comparada essa comunicação dos respondentes com seus filhos quando se tem outras pessoas no mesmo ambiente não há uma evolução significativa (questão 6) essa realidade pode ser ilustrada conforme o depoimento a seguir:

Entrevistado 1 “O externo para falar com ele, ainda é um pouco difícil, eu ainda não tenho certeza se ele está entendendo... é meio conflituoso”.

Mello (2005), acrescenta que a dificuldade de socialização nesse contexto, faz com que a pessoa com autismo tenha uma pobre consciência da outra pessoa, e de compreender os fatos a partir da perspectiva do outro.

É possível observar que mesmo com apreensão dos pais nesta questão, eles demonstraram a necessidade de buscar novas informações e ajuda de como se comunicar com seu filho como na (questão 24) mesma conclusão para Gomes (2015) que confirma com notoriedade da preocupação dos pais com o futuro dessas crianças, devido à sua limitação em prover o sustento próprio. Ilustrada fala do entrevistado a seguir:

Entrevistada 9 “Estava expondo o querer de fazer um curso para me aprofundar (...) por mais que você tem vivência no dia a dia.... Mas são vários acontecimentos e as vezes você tá num processo que você não sabe lidar. ”

Destaca-se no (D2) percentuais de grande relevância de concordância ao estranhamento das pessoas em relação ao seu filho (questão 21), e a impressão de poucos amigos que o filho tem (questão 23), (D4) sendo esse último de 90,9 %, o que reflete a não evolução da relação social com a sociedade na visão dos pais.

No transcorrer das entrevistas uma das mães relata que às vezes, tem a impressão do preconceito, porém preferem não acreditar. E enfatiza que o autismo por não ser notório como a Síndrome de Down (exemplificando), as pessoas verem o comportamento do seu filho, classificando como birrento, mal-educado. Essas características em geral são pouco aceitáveis pela sociedade e por outros membros da família, causando maior desconforto dos pais em situações sociais Coleman et al. (1985).

Sobre o olhar dos pais ao processo de comunicação da criança com qualquer outro interlocutor (Questão 3) no (D2), atingiu a totalidade de concordância, que as pessoas não entendem o que o filho deseja comunicar, assim também como eles tem a impressão que o filho não compreende os que as outras pessoas dizem (questão 11) do (D4). Confirmando então que a compreensão e entendimento nessa relação criança e sociedade não houve ganhos importantes. O estigma e rotulação reforçado pela sociedade ao um desenvolvimento atípico não são superados tão facilmente pelas pessoas afetadas (FERNANDES, 2009), sendo um fator prejudicial para boa evolução de interação social da criança para com o externo.

No (D3) destaca a questão 7, um aspecto comportamental da criança autista geralmente usada em sua comunicação, pois no apontar do objeto ela faz com que pessoa esteja com ele, vá pegar o solicitado; o entenda. Porém nos resultados houve discordância dentre os respondentes alegando uma melhora com o tratamento, pois antes faziam, mas hoje não fazem mais, havendo uma comunicação mais clara.

Becker (2003) refere que a serenidade e a autenticidade do animal contagiam-nos, obriga-nos e induzem-nos a romper com o nosso habitual esquema comportamental mediante o entretenimento gerado, facilita-se a interação entre outros diminuindo a sensação de solidão e a não compreensão do outro. Dos os 11 entrevistados 8 relataram que conseguem ensinar coisas novas para seus filhos (questão 19), corroborando aos efeitos benéficos que a equoterapia trabalha nas dificuldades de aprendizagem (VASCONCELOS, 1998).

Esta ideia é reforçada pelas palavras de Falcão (1999) que esse tipo de terapia influencia a aprendizagem da capacidade adaptativa e comportamental. O terapeuta, através do uso de atividades motivadoras, vai ajudar a criança autista a desenvolver e a adquirir um repertório de capacidades desenvolvimentais e padrões comportamentais de imitação. Esta

intervenção promove funções sensório-motoras, psicossociais e cognitivas, para que a criança conheça as suas necessidades e se adapte ao meio que a envolve.

Na tabela 3, embora não houve significância estatística entre as correlações a 0,05, os domínios representam dimensões distintas e estão relacionados a um constructo comum de interação social. Comparando com estudo de Pimentel et al. (2014) que teve como objetivo identificar e descrever as dificuldades e o valor atribuído ao trabalho com crianças com autismo, por professores. Foi aplicado o teste da análise de correlação de Spearman, com o intuito de verificar o grau de relacionamento entre a fala e as variáveis “gestos”, “sinais”, e “escrita”, encontrou-se correlação negativa significativa com “gestos” e “sinais”.

Assim, embora não se possa afirmar que a fala seja o meio de comunicação exclusivo entre professor e aluno, observou-se que é o meio privilegiado para essa comunicação. Fundamentando assim que a comunicação verbal, ainda é de suma importância sobre a interação social dessas crianças, e que mesmo não havendo significativa estatística a equoterapia nos achados desse estudo vem ajudando na visão dos pais essa criança.

Esse estudo abordou, a partir da visão dos pais, a equoterapia na interação social de crianças autistas. Embora se tenha um número de amostra pequena, e a particularidade de grau de dificuldades de cada criança, bem como o tempo de inserção no tratamento, conclui-se que os pais inquiridos demonstram possuir uma visão positiva sobre o uso do cavalo na sociabilidade do filho. Levando em conta dados e resultados espera-se com esse estudo alargar mais pesquisas para atenção das especificidades do distúrbio e embasamento teórico da participação da equoterapia no desenvolvimento social, e assim fomentar/manter a terapêutica.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (ANDE-BRASIL), 2012. Disponível em: <<http://www.equoterapia.org.br/site/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

BALESTRO, Juliana Izidro; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo. *Rev. soc. bras. Fonoaudiologia*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 279-286, 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342012000300008>>.

BOSA, Cleonice Alves; SIFUENTES, Maúcha. Criando pré-escolares com autismo: Características e desafios da coparentalidade. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 15, n. 3, p. 477-485, Jul. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122134005>> ISSN 1413-7372>.

CAÇADOR, Carla Patrícia Moreira. A importância da hipoterapia nas crianças autistas. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação na Especialização em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2014.

- CRIPPA, A; FEIJÓ, A.G.S. Atividade assistida por animais como alternativa complementar ao tratamento de pacientes: a busca por evidências científicas. *Rev. Latinoam. bioet*, v. 14, n. 1, Bogotá, Jan. 2014.
- FAVERO, M.A.B.; SANTOS, M.A. Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre: v. 18, n. 3, p. 358-369, Dec. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000300010>>.
- FERNANDES, C. M. A história do autismo e a clínica da psicanálise. 2010. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- FREIRE, H. B. G; POTSCH, R. R. O autista na equoterapia: a descoberta do cavalo. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande: UCDB, 2005.
- FREIRE, Heloisa Bruna Grubtis. Equoterapia Teoria e Técnica: uma experiência com crianças autistas. São Paulo: Vetor, 1999.
- FREITAS, JVM, Possi, KC, Holanda, MV. O impacto do diagnóstico de autismo nos pais e a importância da inserção precoce no tratamento da criança autista. *Ver. Psychiatry. (On-Line) Brasil*, v. 16, n. 1, 2011.
- LEWIS, M. Tratado de Psiquiatria da Infância e Adolescência, Melvin Lewis, Ed. Artes médicas, 1995.
- LIMA, MMR, Lampreia, C. Instrumento de Vigilância precoce do autismo. Manual e Vídeo-1ª. ed., Ed. Loyola, Rio de Janeiro, 2008.
- MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE DISTÚRBIOS MENTAIS: DSM-IV (4ª ed.), APA. São Paulo: Manole, 1994.
- MELLO, Ana Maria S. Rosde. Autismo: Guia Prático. 7 ed. São Paulo: AMA, 2007.
- ONZIL, Z, Gomes, RF. Transtorno do espectro autista: A importância do diagnóstico e reabilitação. *Caderno pedagógico, Lajeado*, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.
- PIMENTEL, AGL, Fernandes FDM. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. *Audiol Commun Res*. v. 19, n. 2, p. 171-178, 2014.
- RODRIGUES, Leiner Resende. Convivendo Com a Criança Autista: Sentimentos da Família REME – Revista Mineira de Enfermagem. v. 12, n. 3, p. 321-327, Jul/set., 2008. Disponível em <http://reme.org.br/artigo/detalhes/272>.
- SCHMITT, J.F.; LIMA, V. Terapia assistida por animais e pessoas com Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão. Curitiba, 2015.
- SEMENSATO, M.R.; BOSA, C.A. Crenças Parentais sobre o Autismo e sua Evolução Pensando Famílias, v. 18, n. 2, p. 93-107, Dez. 2014.
- SILVA, A. R. Autismo na Criança e seu impacto sobre a família. *Revista Pediátrica Med.*, v. 36, n. 7, p. 474-479, 2007.
- SILVA, Josefina Pereira. Equoterapia em Crianças com Necessidades Especiais. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, v. 1, n. 11, Nov. 2008.
- TOLIPAN, S. Autismo: Orientação para os pais. Casa do Autista. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.
- VAN DEN HOUT, C. M.; Bragonje A. S. The effect of equine assisted therapy in children with Autism spectrum disorders. *Human Movement Sciences: Psychomotor Therapy Research Internship*, 2009 – 2010.

VASCONCELOS, T. Efeitos de um programa psicomotor em indivíduos com perturbações do espectro do autismo. Três estudos de caso. Dissertação. Porto, 2007.